

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

**Boletim
de
Estudos Clássicos**

vol. 35

**JUNHO 2001
COIMBRA**

missores directos dessa herança cultural de todos nós, nunca é demais lembrá-lo!

CARMEN SOARES

AUREA ROMA. DA CIDADE PAGÃ À CIDADE CRISTÃ

**(Roma, Palácio das Exposições, 22 de Dezembro de 2000
a 20 de Abril de 2001)**

O Município de Roma e o Instituto do Património Artístico e Cultural em colaboração com o Instituto de Arqueologia de Roma, o Instituto de Arqueologia de Óstia,¹ a Direcção Geral dos Monumentos, Museus e Galerias Pontificias e a Comissão Pontifícia de Arqueologia Sacra organizaram mais uma grande exposição sob o Alto Patrocínio do Presidente da República Italiana. Um vasto elenco de especialistas compôs a comissão científica, mas o catálogo (excelente, diga-se) e os restantes suportes didácticos estiveram a cargo de Serena Ensoli e de Eugenio La Rocca.

Roma na passagem do paganismo ao cristianismo: rotura ou continuidade?

Foi esta, na verdade, a questão a que os especialistas procuraram responder, investigando a Urbe nos seus múltiplos aspectos. Política, religião, sociedade, urbanística, complexos monumentais e linguagens figurativas. As obras seleccionadas para a exposição provinham quase todas de Roma, mas encontram-se hoje em cerca de cem dos mais prestigiados museus do mundo.

Através de quase 400 obras, datadas em grande parte dos séculos III a VI d.C., foi possível percorrer os cinco eixos em que a Exposição se articulava, cada um dos quais acompanhado, no catálogo, de bibliografia adequada:

A primeira secção era dedicada ao espaço público e ao espaço privado: os palácios imperiais; os jogos circenses – novos espaços de poder; a *domus urbana*, a *villa* suburbana e a *villa* da província.

¹ Assessorato alle Politiche Culturali; Sovraintendenza ai Beni Culturali; Palazzo delle Esposizioni; Soprintendenza Archeologica di Roma, Soprintendenza Archeologica di Ostia.

A vida privada na Urbe era tratada na secção seguinte: o comércio e a circulação de bens, a sobrevivência do paganismo e o seu carácter multiétnico e multicultural, misterioso e soterialógico, em confronto com o cristianismo, e reforçando a própria identidade pagã entre as famílias aristocratas mais antigas da Urbe. Nesta secção ocupava um lugar especial o vão interno da Porta Marina em Óstia, cuja decoração foi agora reconstruída pela primeira vez, após um complexo trabalho de restauro e de recomposição, realizado pelo Instituto Arqueológico de Óstia. Este era talvez o núcleo principal da Exposição. Na verdade as suas cenas figurativas (escolhidas, aliás, para ícone da Exposição e do respectivo catálogo) prestam-se a uma leitura de chave simultaneamente pagã e cristã, e revelam portanto a íntima conexão que existia entre uma e outra linguagem figurativa, na idade tardoantiga. Seria essa aliás a conclusão para a qual tenderiam os vários núcleos da exposição.

Na terceira secção, uma galeria de retratos imperiais e de retratos privados permitia observar a evolução das formas de auto-representação, através de uma iconografia que manifestava convenções ideológicas muito específicas. O retrato de Constantino (o primeiro imperador cristão), por exemplo, assinala uma mudança decisiva. É o soberano inspirado por Deus, de rosto idealizado, distante da realidade.

Os núcleos mais vivamente interessantes eram no entanto o 4.º e o 5.º, um intitulado: «Velhas imagens e novos significados: alternativas em equilíbrio» e outro «A invenção na tradição: Das imagens pagãs à visão de Deus». São as obras ali contidas que nos permitem observar ao vivo a linguagem figurativa e reconhecer afinal, na primitiva arte cristã, uma curiosa reutilização e reinterpretação da iconografia pagã. As figuras dos anjos, do orante, do bom pastor, por exemplo, são claramente inspiradas na arte pagã – por vezes com poucas variantes – e mostram até que ponto os motivos antigos podiam ser usados como instrumentos da nova fé, mudando evidentemente o seu poder significante. Os programas figurativos quer das basílicas paleocristãs quer dos objectos de culto mostram também que a representação dos santos e do próprio Redentor recebeu elementos comuns dos filósofos pagãos. Peça muito particular é a estatueta de *Cristo docente* (n. 362) que parece retomar o tipo do filósofo da tradição helenística. Mas

podíamos citar também a figura do *Cristo Pantocrator* tão semelhante à representação das figuras imperiais.

Na verdade, quando o cristianismo se tornou religião do Estado, a iconografia da corte imperial invadiu a decoração das ábsides cristãs, representando Deus em seu trono, rodeado pelos apóstolos. A imagem de Deus salvador dá pois lugar à imagem de um Deus imperador, deixando mais um exemplo de uma iconografia sincrética.

Note-se que, em cada um destes aspectos, a Exposição procura também informar os especialistas das mais recentes descobertas arqueológicas ainda em curso, principalmente nos subúrbios da cidade romana da Antiguidade Tardia, onde se têm vindo a descobrir importantes complexos monumentais.

Noutros casos é a excepcional reunião de partes de peças que se conservam dispersas, como o Díptico dos Nicómacos e dos Símacos, cujas partes se encontram em Paris e em Londres (n. 68 e 69 do Catálogo).

Em todo o caso, o fio condutor da Exposição é a verificação de um mesmo fenómeno: o repertório figurativo paleocristão que se apropria dos temas iconográficos pagãos reconstruindo-os de acordo com novos significados adquiridos.

MARGARIDA MIRANDA

EXPOSIÇÃO «TRÓIA, SONHO E REALIDADE» EM ESTUGARDA (*TROIA – TRAUM UND WIRKLICHKEIT*)

Tivemos conhecimento através da edição do jornal *Público* de 17.03.2001 da inauguração em Estugarda de uma grandiosa exposição, constituída por 850 peças, consagrada a dois aspectos que caracterizam desde há muito a imagem de Tróia: o sonho e a realidade. Na Internet existem vários sites onde podemos encontrar informações mais detalhadas.

Esta exposição, a primeira deste tipo, pretende estabelecer um confronto entre a Tróia sonhada (a da *Ilíada* e dos mitos sobre a Guerra de Tróia, celebrada por autores e artistas, antigos e

modernos) e a Tróia real, a que tem sido revelada pelas escavações arqueológicas iniciadas por Heinrich Schliemann nos finais do séc. XIX. Registe-se, a propósito, que a RTP 2, no serão de 24 de Março deste ano, transmitiu na rubrica “O Lugar da História” um documentário intitulado *Glórias do Antigo Egeu*, precisamente sobre as escavações pioneiras de Heinrich Schliemann e de Arthur Evans.

Inaugurada a 17 de Março deste ano, a exposição prolonga-se até 17 de Fevereiro de 2002 e será apresentada em três cidades alemãs: Estugarda (17.03-17.06.2001: Archäologisches Landesmuseum Baden-Württemberg, Forum der Landesbank Baden-Württemberg), Braunschweig (14.07-14.10.2001: Braunschweigisches Landesmuseum und Herzog Anton Ulrich-Museum) e Bona (16.11.2001-17.02.2002: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland).

O coordenador científico do projecto é o Prof. Manfred Korfmann, da Universidade de Tübingen, que desde 1988 lidera a equipa internacional que retomou as escavações arqueológicas em Tróia. A organização é da responsabilidade das instituições acima referidas, bem como do *Troia Projekt* (Institut für Ur- und Frühgeschichte und Archäologie des Mittelalters der Eberhard-Karls-Universität, Tübingen), e conta com a colaboração da Direcção Geral das Antiguidades e dos Museus da Turquia. No site <www.troia.de> encontramos estas informações, bem como uma lista de links relacionados com a exposição e com as escavações realizadas em Tróia. O logótipo é uma imagem realizada em computador a partir da estátua do Cavalo de Tróia, que no exterior do Archäologisches Landesmuseum Baden-Württemberg anuncia a exposição.

Referências:

Público: 17.03.2001

<http://www.troia.de/>

<http://www.uni-tuebingen.de/troia/eng/ausstellung.html>

<http://www.kah-bonn.de/ausstellungen/troia/0e.htm>

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA